Vigésima nona carta

> **Sumário.** Razões do título desta correspondência: O Ângelus no século XIX. — Necessidade, para o século XIX, de retomar a recitação do Ângelus. — Estado atual da Igreja. — Da sociedade. — Do católico. — Só um milagre pode salvar o mundo.

12 de agosto.

Meu caro amigo

Viste, em minha última carta, os motivos particulares que temos de rezar o Ângelus. Esta tem por fim justificar o título de nossa correspondência, mostrando-te a importância social do Ângelus no século XIX.

«*Debaixo da sombra das tuas azas defende-me*»: *Sub umbra alarum tuarum protege me.*[1] Tal é o grito de alarme que hoje deve sair incessantemente de todas as bocas católicas: da boca da Igreja e da sociedade, da boca das famílias, da boca dos sacerdotes e dos fiéis, da boca da França sobretudo.

Perguntas-me por quê? Respondo-te sem hesitar: Porque só um milagre pode salvar o mundo. A prova está nos perigos sem precedentes que cercam, neste momento, a Igreja, a sociedade, todos os católicos. Vou assinalá-los em poucas palavras.

Qual é a situação atual da Igreja? — Havia na Galileia uma pequena cidade chamada Betúlia. Assentada no cume de uma montanha, essa cidade era abastecida por um aqueduto que se prolongava fora dos muros. Um dia, Holofernes, generalíssimo dos exércitos de Nabucodonosor, rei da Assíria, vem sitiar Betúlia, à frente de um exército de duzentos mil homens. Ao reconhecer a praça, vê o aqueduto e manda cortá-lo. Logo falta água aos sitiados; e, sem o milagre que conheces, Betúlia teria sido tomada, queimada, arrasada, e os seus habitantes sepultados sob as ruínas.

Betúlia é a Igreja no século XIX. Holofernes é a Revolução, arrastando atrás de si os seus inumeráveis adeptos. Escondendo o seu desígnio sob máscara hipócrita, leva, há alguns anos, a guerra à Itália e marcha de vitória em vitória; mas nada a satisfaz. Não é Milão, nem Florença, nem Parma, nem Módena, nem Veneza, nem Nápoles, nem Palermo que ela quer: é Roma. Seu grito de reunião, que desvela o fundo íntimo de seu pensamento, é a palavra com que faz ressoar todos os ecos da Europa: «*Roma ou a morte*»: *Roma o morte.*

À força de covardias, traições, ignomínias e monstruosas iniquidades, a Revolução apodera-se da cidade dos papas. E que faz ela ali? Há dezoito séculos, Roma era pagã e a capital de Satanás. Tomada por são Pedro, tornou-se cristã, e Satanás dela foi expulso. Desde essa época, não cessou de rondar as suas muralhas, a fim de achar uma brecha para entrar.

A 20 de setembro de 1870, essa brecha foi aberta, e Satanás reentrava em triunfo em sua antiga capital. Para vingar-se de sua expulsão, dá livre curso à sua fúria. Pilha, assassina, quebra todos os sinais que lembram a sua derrota e o triunfo do cristianismo.

Diante do Vaticano, de onde saem os oráculos da verdade, estabelece a sua cátedra de pestilência, de onde inunda a cidade inteira de doutrinas mentirosas, de blasfêmias, de impiedades e de obscenidades. Sob a sua inspiração organizam-se ignóbeis e sacrílegas mascaradas. Ali figuram, nos disfarces mais vergonhosos, os sacerdotes, os religiosos, os cardeais, o próprio Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Essas tropas de bacantes desgrenhadas fazem ressoar as ruas com seus gritos selvagens e vêm cantar até debaixo das janelas do augusto ancião: Morte ao Papa! Morte à religião! Com a cabeça de Pio IX jogaremos bocha.

Não é isso, meu caro amigo, a abominação da desolação no lugar santo? Tal espetáculo, de que nenhum século cristão fora testemunha, Satanás pretende perpetuá-lo. Diferentemente dos antigos invasores, dos quais nenhum ostentara a pretensão de fazer de Roma a sua capital, a Revolução declara altamente um desígnio contrário. Para realizá-lo, seus chefes se instalam em Roma, mantêm o Papa na prisão e só aguardam a sua morte para estabelecer-se no Vaticano. Então tudo estará consumado.

Quem expulsará a Revolução? Quem libertará o Santo Padre? Quem o restabelecerá em seus direitos? Quem o cercará de novo do amor, da veneração filial das nações cristãs? A resposta a essas perguntas só pode escrever-se com lágrimas.

Passeia o olhar pela Europa. Ódio ou indiferença: eis o que encontrarão do norte ao sul e do levante ao poente. Filhas do papado, todas as nações de hoje lhe são abertamente hostis, ou secretamente cúmplices dos atentados cometidos contra ele, ou estupidamente indiferentes.

A amarga palavra que o Salvador do mundo pronunciava ao subir ao Calvário: *«Esperei se algum se entristecia comigo, e não houve ninguém»*: *Quæsivi consolantem me et non inveni*; do alto do Calvário aonde o conduz a Revolução, Pio IX pode repeti-la: *«Procurei em toda a Europa um libertador, e não encontro nenhum»*: *Quæsivi consolantem me et non inveni.*

> [Ilustração: Virgem poderosa. Maria está sentada sobre a esfera terrestre; sua cabeça e suas mãos estão no firmamento; ela invoca Deus pelo mundo. (V. Orsel.) — O artista inspirou-se na palavra tão justamente aplicada a Maria: *Omnipotentia supplex*, a onipotência suplicante.]

Só um milagre pode expulsar de Roma a Revolução, libertar o Papa, salvar a Igreja e devolver-lhe sobre o mundo a sua legítima autoridade. Esse milagre, que é preciso solicitar com ardor, será o maior dos milagres. Rezado com fé, o Ângelus é um dos mais poderosos meios de obtê-lo.

Já o disse: se, três vezes ao dia, os cento e cinquenta milhões de católicos espalhados pelo globo caíssem de joelhos e, ao som dos sinos, fizessem subir ao céu o grito de alarme, crê-se que o Pai das misericórdias resistiria muito tempo a semelhante espetáculo? Não está escrito: *«A oração sobe e a misericórdia desce»*: *Ascendit deprecatio et descendit Dei miseratio*?

Qual é a situação da sociedade na Europa e da França em particular?

Tão bem como ninguém, sabes, meu caro amigo, que o cristianismo é a vida das nações. É a vida das nações porque só ele dá razão do poder e do dever. É a vida das nações porque só ele é o foco do verdadeiro e a regra do justo. É a vida das nações porque só ele dá, por suas recompensas e por seus castigos, uma sanção séria às constituições humanas.

Dessas verdades capitais, as provas, evidentes como o sol, são os povos que outrora não eram cristãos, que ainda não são cristãos ou que deixam de ser cristãos. Interminável tecido de guerras injustas, de roubalheiras, de tiranias, de superstições vergonhosas e cruéis, de degradações intelectuais e morais, de crimes sem remorso e de sofrimentos indizíveis, a sua história, escrita com sangue e lama, é a irrefutável apologia do cristianismo.

Pois bem! O mundo atual já não quer o cristianismo. Julguemo-lo não pelas exceções, mas pelo conjunto. Prestemos ouvido, por pouco que seja atento, ao que se escreve, ao que se diz; sigamos a marcha dos governos; observemos as tendências gerais da sociedade; estudemos os costumes públicos; vejamos o que se passa; pensemos no que se prepara.

De todos esses fatos sai uma só voz que diz, em todos os tons e em todas as línguas, noite e dia, de uma ponta à outra da Europa: Já não queremos o cristianismo. Seu jugo nos pesa, sua palavra nos importuna, sua simples vista nos irrita. Somos bastante fortes para dispensá-lo, ser felizes sem ele, longe dele, apesar dele: *«Não queremos que este seja nosso rei»*: *Nolumus hunc regnare super nos.*

Esse grito deicida, que o mundo espantado só ouvira uma vez, no dia da crucifixão do Filho de Deus, poucos anos antes da ruína de Jerusalém, figura do fim do mundo, nós o ouvimos de novo. Não se deve dissimulá-lo: se a Europa e a França em particular não voltarem sinceramente a Deus, o grito infernal terá as mesmas consequências que teve outrora. Mais graves talvez, pois conhecemos melhor que os judeus Aquele cuja deposição e morte pedimos.

Quem já não distingue os precursores de um cataclismo desconhecido na história? A Europa, coisa inaudita!, não está minada até em seus fundamentos pelas más doutrinas e pelas sociedades secretas? Todos os países não contam milhares de blasfemadores e negadores de tudo o que há de verdadeiro, de santo, de necessário para impedir que o mundo caia na barbárie? O que há de mais grave: esses demolidores encarniçados permanecem impunes!

Assim, como o exército dos sofistas é sempre seguido do exército dos bárbaros, veem-se em todos os pontos da Europa aparecer hordas selvagens, ávidas de sangue, de pilhagem e de incêndio, que disso não se escondem e para as quais a guerra civil de Paris não passa de um combate de vanguarda.

Já se faz sentir o contragolpe de seus ameaçadores projetos. A perturbação apoderou-se das nações, os reinos desabam: *«As nações se conturbárao, e os reinos se humilhárao»*: *Conturbatæ sunt gentes, inclinata sunt regna.* A velha Europa, a França em particular, marcham de revoluções em revoluções e estão sempre à espera de alguma nova catástrofe. A prova é que todo o mundo tem medo, e com razão. O instinto de conservação diz a todos nós que não estamos num estado normal; que descarrilamos e que é tão impossível ter uma sociedade sem religião quanto construir uma cidade no ar.

Estando o estado da sociedade assim, não preciso acrescentar que só um milagre pode salvar-nos.

Qual é a situação do católico? A situação do católico no século XIX pode ser comparada à dos jovens na fornalha de Babilônia. Ao redor dele tudo é fogo, tudo é perigo, perigo para a sua fé e para os seus costumes. Meu caro amigo, em que meio vivemos? Metade da Europa herética ou cismática; a outra metade, católica de nome, é apenas católica de coração e de espírito: imenso escândalo, capaz de abalar a fé mais robusta.

Escândalo não menor nas leis que, pondo todas as religiões na mesma linha, são uma profissão pública, permanente e prática de ateísmo.

Escândalo nesse dilúvio de escritos envenenados que cada tarde saem de todas as capitais e até das cidades menos importantes, para cair no dia seguinte, como os gafanhotos devastadores da África central, sobre os campos, sobre as aldeias mais obscuras e até nas fazendas mais isoladas.

Escândalo na epidemia das tabernas, multiplicadas quase ao infinito: abismos devoradores e sempre abertos, nos quais vão perder-se a fé, os costumes, a saúde, a vida de família, o bem-estar e muitas vezes até a razão.

Escândalo no luxo desenfreado, monstruosa idolatria do corpo, fruto da moleza e da vaidade, pai da corrupção e avô da indigência: transbordamento da vida sensual que embrutece o homem a ponto de já não conhecer outras realidades senão os negócios e os prazeres.

Escândalo, enfim, no espírito de orgulho e de insubordinação que sopra hoje por toda parte, e com violência inaudita, tanto nas famílias como na sociedade. Do maior ao menor, ninguém quer mais obedecer; as próprias crianças já não querem receber nem repreensões nem conselhos.

Em meio a esses escândalos e diante da indiferença em matéria de religião da parte de tão grande número de homens e até de mulheres, como, a menos de um milagre, poderá o católico do século XIX conservar até o fim intactos os seus costumes e a sua fé?

Deixo-te nessa pergunta, à qual quererás dar-me a resposta.

Todo teu.

Notas

[1] Sl 16, 8.

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:38 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:39 by Admin